

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

FH, o Real e o futuro

• O aniversário do Plano Real, que faz dois anos dia 1º, coincide com o momento talvez mais difícil do Governo de seu criador, Fernando Henrique Cardoso: as reformas chapinham no Congresso e os apocalípticos prevêem um esgotamento da âncora câmbio rígido-juros altos. O criador, porém, continua tão otimista quanto na época em que o lançou e prevê um desempenho melhor da economia no segundo semestre deste ano.

Além disso, o presidente aponta, para além da conjuntura, um programa de desenvolvimento ancorado na estabilidade. Em conversas informais, diz que os economistas é que se enfiaram numa armadilha, ao dizer que sem as reformas (essenciais ao ajuste fiscal) não seria possível afrouxar os juros nem mexer no câmbio. Os juros já caíram à metade em relação ao ano passado e continuarão caindo. O déficit deste ano deve ficar em 2,5% do PIB, metade do de 1995. Não dá para evitar as transferências constitucionais aos estados, nem demitir pessoal sem a reforma administrativa, mas ainda é possível mexer nos juros. O Governo cortou o que pôde e os estados também estão se ajustando. As reformas, o Congresso está fazendo no seu ritmo, mas o Governo não perderá um terceiro ano com elas. Até novembro, o presidente acha que serão aprovadas a previdenciária e a administrativa. Depois, será tempo de dar mais ênfase às ações executivas, ao próprio projeto de desenvolvimento. A infra-estrutura do país está sendo transformada e os investimentos estão chegando.

Tragédias do cotidiano — um Eldorado, a morte dos veleiros do Rio — afetam a al-

ma do presidente. Mas coisas assim desaparecem é com desenvolvimento, e nesse rumo o país está. Mantida a estabilidade e criadas as pré-condições, o Brasil estará no jogo econômico do próximo século, um jogo que deixará de fora os desprevenidos. As outras condições são investimento externo, concessões e privatização. A primeira está consolidada. Até maio deste ano entraram US\$ 6,1 bilhões, contra US\$ 1,9 bilhão de igual período de 95. Muito dinheiro está programado para 96 por agências como BID e Bird. As concessões estão em curso e as privatizações despertam interesse lá fora. Nesta rota é que o país crescerá e ficará mais justo.

A fluência em Fernando Henrique deriva da convicção. Mas será que a sociedade percebe algum projeto de país na esteira do plano? Ou percebe apenas a inflação baixa e, em contrapartida, a falta de emprego e mazelas do dia-a-dia?

O presidente acha que nem o povo nem as elites nem o Congresso enxergam o horizonte. Que o próprio Governo não consegue explicitar isso melhor e que o debate público, mediado pela imprensa, perde-se nas miúdezas. Mas está certo de que, ainda em seu Governo, dias melhores virão.